

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

DESAPARECIMENTO DA RAÇA, PROLIFERAÇÃO DE RACISTAS¹

Pascal Bruckner

Nascido em Paris em 1948 numa família burguesa, Pascal Bruckner é filósofo e romancista. Criado na Suíça e na Áustria por ter tuberculose, Pascal Bruckner mudou-se para Paris em 1966, e continuou os seus estudos no Liceu Henri IV fazendo um mestrado em filosofia na Sorbonne, onde conheceu Vladimir Jankélévitch e o filósofo Alain Finkielkraut, que hoje partilha muitas das suas convicções. O seu empenho no trabalho humanitário permitiu-lhe descobrir cenas de guerra e fome, e alimentar a sua representação do mundo. De volta a Paris, tornou-se uma voz que conta entre os intelectuais de esquerda recrutados pela direita. Pascal Bruckner é um intelectual empenhado que assumiu posições políticas em relação à guerra na ex-Jugoslávia, à guerra no Iraque, à intervenção francesa no Mali, ao islamismo político. Neste ensaio, o autor procura “deslegitimar o termo ‘islamofobia’” a fim de ganhar “a guerra contra o fundamentalismo” numa batalha de ideias que levará à paz social. Propõe assim elementos para demonstrar que nem tudo está perdido. O excerto escolhido trata do antirracismo, da liberdade de expressão considerada,

¹ Pascal Bruckner (2017). *Un racisme imaginaire – Islamophobie et culpabilité*, Paris: Grasset, pp. 21-25.

segundo ele, como um direito sem deveres, e dos limites da globalização. Os seus livros incluem *Lunes de fiel*, em que analisa as forças psicológicas do amor: dominação, destruição, humilhação... (adaptado para o cinema por Roman Polanski), *La Tentation de l'innocence* (Prix Médicis de l'essai, 1995), *Les Voleurs de beauté* (Prix Renaudot, 1997), *Le sanglot de l'homme blanc* (1983) e *La Tyrannie de la pénitence* (2006). O seu trabalho foi traduzido em cerca de trinta países. Editor da Grasset, deixou esta editora para se tornar jurado da Academia Goncourt em 2020.

O que deveria ser um antirracismo bem compreendido? Uma sabedoria da coabitação, uma sedução da diversidade quando indivíduos, de todas as origens, se reúnem num mesmo espaço. Mas também uma inteligência do discernimento capaz de distinguir entre o que toca à vexação e o que se refere à liberdade de expressão. Recordemos que o objetivo de uma política sensata é prevenir a discórdia e evitar a guerra. Mas o antirracismo, que se tornou a religião civil dos nossos tempos, transformou-se numa permanente hostilidade de todos contra todos, numa retórica da recriminação. A contração do tempo e do espaço induzida pelas novas tecnologias e meios de transporte está a levar à abolição das distâncias que nos protegiam outrora das pessoas mais distantes. Num planeta em que as tribos humanas, em constante movimento, colidem umas com as outras, a pressão torna-se esmagadora. O cerco está a apertar, criando uma sensação de claustrofobia e até de rejeição. A globalização reflete este momento histórico em que a terra toma consciência dos seus limites e as pessoas da sua interdependência. O universo deixa de ser o espaço comum das suas partilhas e torna-se o lugar dos seus tormentos mútuos. Já nada separa os povos uns dos outros a não ser algumas horas de avião ou comboio, acabando assim por ser privados da distância necessária para qualquer relação. Proximidade intolerável da aldeia global, aí mesmo onde as distâncias e intervalos deveriam ser restabelecidos

para que todos possam encontrar o seu lugar. A abertura prometida pela modernidade, a maravilhosa possibilidade de deixar o local, o nativo, o tribal, é resolvida num novo confinamento à escala global. Não tanto o alargamento de horizontes, mas sim uma percepção do horizonte como uma nova vedação. Uma vez que existe apenas um mundo, o das explosões demográficas, das catástrofes naturais e das migrações em massa, uma inteligência da multidão é mais necessária do que nunca. As tensões aumentam porque os indivíduos se aproximam, coexistem, são forçados a partilhar um mesmo espaço. Para construir pontes entre os homens, é necessário começar por restabelecer portas que delimitam os territórios de cada um.

Finalmente, o “racismo” dominante, esta doença da unificação mundial, já não está ligada apenas a um desejo de extermínio, como foi o caso na Alemanha, Turquia, Camboja ou ainda no Ruanda, mas acima de tudo à vontade de isolamento. Traduz o desejo de permanecer entre si próprios e de expulsar os intrusos: o risco das sociedades multirraciais é tanto a ditadura da maioria impondo a sua lei quanto a justaposição de comunidades impermeáveis umas às outras, comunicando apenas pelo estritamente necessário. Nesta configuração, tudo o que distingue os homens acaba por os magoar. É preciso então ser extremamente cuidadoso com as suscetibilidades, pensar duas vezes antes de falar e julgar quem quer que seja. Qualquer observação depreciativa, desprezo de classe, apreciação física ou mesmo elogio poderia ser interpretado como discriminação. Só resta o humor, que atenua os clichés e os põe em derrota quando a piada racista os confirma, fazendo as pessoas rir à custa desta ou daquela categoria.

A grande mudança dos tempos modernos: nos nossos países, as políticas de identidade tendem a substituir a ajuda aos desfavorecidos. O Povo, tal como foi mitificado pela Esquerda e pelos Republicanos, está a desaparecer em favor das minorias. Por toda a parte, a etnia suplanta o social, a ética o político, a memória viva a história fria. Em todo o lado, o hábito detestável de se definir

pelas suas origens, pela sua identidade, pelas suas crenças, está a instalar-se. A diferença é reafirmada numa altura em que queremos instaurar a igualdade, correndo o risco de reavivar involuntariamente as antigas polarizações ligadas à cor da pele e aos costumes. Esta tendência é contemporânea com a explosão do sistema judiciário no mundo moderno. O tribunal torna-se o local de reparação que compensa as vítimas e crucifica os malfeitores que se atreveram a passar das marcas. Se o julgamento se tornou, na era democrática, a figura pedagógica por excelência, é porque cada um defende a causa mais estimada de todas, ele próprio, e expõe perante testemunhas o seu sofrimento e humilhações. O trio Advogado, Juiz e Queixoso consagram a sala de audiências como a cena emblemática da aventura humana na era da identidade.

Quanto à crítica ao politicamente correto, este eufemismo elevado ao estatuto de arte de viver, é em si mesma outro conformismo, uma conveniência da inconveniência, uma ortodoxia da heterodoxia que apenas duplica os impasses. Não nos vamos insultar uns aos outros para mostrar a nossa liberdade de opinião. O facto de termos de nos conter nos julgamentos que fazemos sobre os nossos entes queridos não é mera censura, mas o mínimo de decência que devemos uns aos outros em sociedades plurais. A cortesia, como já dizia Kant, também é política. Se um Donald Trump pôde ser eleito presidente dos Estados Unidos, foi porque ignorou esta cortesia elementar que lhe permitiu durante a sua campanha insultar os mexicanos, os imigrantes, os negros, os muçulmanos, os chineses, e qualquer outra pessoa que se opusesse ao seu programa. Mas este tribuno, de costume bobo e Neroniano, defensor de um credo isolacionista e protecionista, não é mais do que o contra produto do politicamente correto americano, ao qual responde com um politicamente correto direto ou mesmo um politicamente correto abjeto. À disciplina das palavras difundida pelas elites republicanas ou democratas, respondeu com descaramento impulsivo, injúrias usadas como argumentos,

ataques *ad hominem*, ridicularização das mulheres e dos deficientes, ameaças de morte contra os seus rivais, apelo ao uso da tortura no exército e à prática de crimes de guerra, em suma, a retórica digna de um mafioso e não de um responsável político (mesmo que desde então tenha moderado as suas afirmações e pareça ter regressado a ambições mais pragmáticas).

O que é o politicamente correto? A alergia à nomeação, a evitação das dificuldades, a impossibilidade de dizer as coisas exceto por metáfora, deslocamento, anfigurismo. Desfocam-se as palavras da mesma forma que os órgãos genitais são desfocados em certas estátuas, tal como os pés dos pianos eram escondidos na era vitoriana, para não ofender a boa sociedade. Dizer o que é, dizer o que se vê seria chocante. É exatamente o que se entende pelo verbo “estigmatizar”, que significa falar sobre o que deveria ser mantido em silêncio. Começamos a “estigmatizar” assim que um problema é identificado.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

NICOLE ALMEIDA

Universidade do Porto